

**BIODANZA – DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS/10
CONFERÊNCIAS/10 HORAS**

**DIA INTERNACIONAL DA BIODANZA
19/04/2020**

**BIODANZA/POESIA E OS DESAFIOS DO MUNDO
CONTEMPORÂNEO**

por Auríbio Farias

Quando falo de poesia penso logo na ideia de que a poesia é a própria vida. Ela se manifesta, por exemplo, em uma sensação esquisita que nos envolve diante de uma música, uma tela, um desenho, um poema, ou diante de momentos em que as palavras parecem comunicar coisas incomuns. Ela se manifesta também diante da nossa necessidade de expressar sentimentos e sensações com alguma equivalência, já que não podemos falar em exatidão, entre o que sentimos e o que escrevemos. Desejamos carregar as palavras de sentido, embelezar a frase, criar um espanto. Compartilhar uma esperança, provocar uma indignação, liberar uma voz que protesta. E desejamos tentar dizer algo de forma única e particular.

A poesia escrita, mesmo que não seja criada para isso, cumpre uma função social, não pela via do convencimento emocional, nem da coação, mas relacionada à clareza e frescor do pensamento e da opinião. E aqui reside um dos desafios na contemporaneidade: desconstruir uma linguagem construída para nos enganar. Diante de uma impossibilidade expressiva, o poeta parte para a invenção, diante da palavra que falta. Camões, por exemplo, poeta português bastante conhecido também por brasileiros, buscando uma forma de expressar o amor que sentia usa de paradoxos, desconstrói o sentido lógico habitual da língua:

Amor é fogo que arde sem se ver,

Amor é ferida que dói e não se sente;

É um contentamento descontente,

É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;

É um andar solitário entre a gente;
É um não contentar-se de contente;
É um cuidar que ganha em se
perder.

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence o
vencedor;
É ter com quem nos mata,
lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos
amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo amor?
(www.suapesquisa.com).

Djavan na canção **Oceano** no álbum **Djavan** (1989, f.2)
escreve:

“Vem me fazer feliz porque te amo

Você desagua em mim eu
oceano”

A voz que fala na canção transgride as normas da gramática. Transforma o substantivo oceano no verbo oceanar, pois só assim daria conta da vastidão do sentimento.

O poema é feito de imagens subjetivas e quase sempre plurissignifica. Daí porque um poema como o que se segue de José Paulo Paes (*Melhores poemas: José Paulo Paes*, Global Editora, 1996, p. 137) pode estar falando de inúmeras coisas, inclusive da necessidade de poesia no mundo.

SALDO

A torneira fechada

(Mas pior:

a falta de sede)

A luz apagada

(Mas pior:

o gosto do escuro)

a porta fechada

(mas pior:

a chave por dentro)

O professor Lourival Holanda da Universidade Federal de Pernambuco, abordando esse poema em aulas e palestras, dele se apropria para defender a importância da poesia em um mundo de desencanto. Ele diz que a poesia é o que temos para impedir ou evitar o sequestro do sonho. A vida para ser mantida precisa de sonho. E o que impressiona de forma muito profunda nesse poema é a não atitude, diante da falta. Em relação à sede, o já citado Djavan na canção **Esquinas** do Álbum *Lilás* (1984, I A, f-3) em uma canção de cunho existencial expressa: *sabe lá/ o que é morrer de sede/ em frente ao mar?* Há falta de água potável, mas a sede está lá. É possível também pensar nos versos da canção **Tempo perdido** da Legião Urbana (1986, I A, f-6): *Não tenho medo do escuro/ mas deixe as luzes acesas agora.*

É possível pensar também no poema **José**, escrito por Drummond:

[...]

com a chave na mão,
quer abrir a porta

não existe porta

quer morrer no mar

mas o mar secou

quer ir para minas

minas não há mais

José e agora?

(<https://www.culturagenial.com/poema-e-agora-jose-carlos-drummond-de-andrade/>)

Mas o que surpreende na voz que fala no poema de José Paulo Paes é a debilidade diante da falta de tudo: sede, luz, e liberdade. Por essa razão o título do poema é SALDO. Mas é um poema que fala da chave que estaria por dentro, é só usá-la, para se libertar de todas as imposições, repressões e ir em busca da plenitude existencial e social. E a poesia pode ser vista como essa chave.

Como disse lá no início, podemos entender a poesia como a própria vida. Ela é a natureza, o sorriso de uma criança, um gesto humano em relação ao outro. O que podemos perceber em uma pessoa que nos encanta quando a observamos envolvida em seu mundo, como atesta os versos de Chico Buarque na canção **Vitrines** (disco *Almanaque*, 1981, IA, f.1):

“Passas em exposição

Passas sem ver teu vigia

Catando a poesia

Que entornas no chão”.

Para mim, Rolando toro viu na poesia que habita o cosmos a chave que pode impedir que a humanidade deixe de sonhar e, mais ainda: aprenda a viver.

Como no poema:

Deslocamento

Poesia desloca a retina

E não tem cura (Nunes, S. *O que Ficou da fotografia*, Recife: Linguaraz editor, 2016).

Rolando toro (*Apostila Criatividade*, p. 17) diz também que “se nossa vida é movimento

pleno de sentido, é também poesia. Fazer de nossa experiência uma dança é, na realidade, 'ser um poema'. E concorda com Heidegger no sentido de que somos um poema inacabado.

Como poemas vivos vamos nos construindo pelas transtasis que experimentamos através da Biodanza. Porém a sociedade doente de algum modo nos afeta.

Não estamos alheios à discussão feita no momento por vários governos em relação a salvar vidas ou salvar a economia diante da doença gerada pelo Coronavírus. Tal discussão expõe uma doença maior: o distanciamento humano do cosmos revelada na mesquinha do capital.

Desse modo, poemas que surgem em uma sociedade enferma, cujos valores são antívida podem trazer denúncias, indignação, resistência, mas precisamos ter em mente que o paraíso existe.

O poema de Rolando Toro intitulado **El Paraíso no es un sueño** no livro *Extase del renacido* (p.8, Venezuela, 1992) nos traz uma voz que denuncia, que se indigna, mas que no meio da incerteza, na conexão com o amor, é assertiva ao conclamar uma certeza na existência do paraíso. A seguir, alguns versos:

El Paraíso no es un sueño

1.Preludio.

Hoy aparecieron los primeros brotes

Del nogal, en la sombría aurora

El comienzo del mundo en el nido del
Bem-te-vi.

2.Noticias.

“El Presidente anunció el comienzo

De la ofensiva de la primavera en

Vietnam”.

(alguien trataba de pedir socorro

Desde una ventana...)

[...]

(pero nadie acudió...)

[...]

(cuando bajaron las bombas...)

“Niños judíos fueron arrojados

Por las ventanas”

(alguien pedia socorro...

Pero nadie acudió

Nadie acudió...)

3.Anunciación. Pero yo sé que el

Paraíso

No es un sueño

He vivido el paraíso contigo,
Amor....

A destruição causada pelas bombas atômicas na segunda guerra mundial, pelas bombas de napalm no Vietnam expõe com força incontestada a insensibilidade de uma sociedade doente. E as ameaças de uma guerra nuclear existem, assim como a do aquecimento global. E tudo isso junto à crise atual tem nos levado a refletir sobre o mundo no qual queremos viver. Agora o planeta repousa. Eu tenho visto nas imediações da minha casa uma renovação da fauna e da flora. Há muito não via bandos de borboletas voando tão próximo. Revoada de pássaros não habituais sobrevoando a área. As folhas das árvores de um verde brilhante e de um verde profundo. A natureza podendo expressar sua poesia.

Os tempos atuais nos desafiam a realizar o impossível. O poeta carioca Chacal declama sempre uns versos que dizem:

Só o impossível acontece

O possível apenas se
repete,

Se repete, se repete.

(<http://www.salamalandro.redezero.org/poema-do-ricardo-chacal/>
)

Rolando Toro también trata do tema do impossível no poema **Lo imposible puede suceder** II (Livro: *Lo imposible puede suceder*, Oaxaca- México, 1995) no qual a última estrofe, diz: *Tenemos una carta de amor em las manos/y grandes trigales dorados/en una espiga del sueño./Porque lo imposible es lo cotidiano*. Os dois poetas parecem perceber que a vida é um milagre que se realiza todo dia, criativamente, de forma encantadora e mágica.

Rolando Toro cria um mundo através de sua poesia, desencantado com o que tem a sua volta. No mundo que inventa Rolando Toro desconstrói a narrativa bíblica do Gênesis (*Extase del renacido*, 1992, p. 30).

Génesis

Y Dios creó el mundo en siete
días

El primer día creó el amor

Y, dulcemente,

Tembló la vida

En el ojo del caos

El segundo día creó el viento

Y las semillas del amor

Se esparcieron por toda la tierra

El tercer día creó el mar con

Sus algas, sus peces y la canción de las
ballenas

El cuarto día creó la música y
en

Toda criatura puso un canto diferente

El quinto día creó al hombre y a la

Mujer y les dio el conocimiento de la
Orgia

Y el cuidado de los hijos

El sexto día creó los hongos
mágicos

Y los puso en la boca de los
hombres

El séptimo día creó la danza,
celebrando

Sus obras.

No mundo criado pelo poeta não há sujeição de nenhuma espécie a outra. Não há menção a hierarquizações de poder nem à escravização de seres vivos. Há amor, orgia, música e dança. E cada criatura tem um canto próprio e diferente do outro. Através da música se instala o igual e o diferente convivendo harmonicamente, sem que nenhuma criatura tenha que deixar de ser si mesma.

Se o Gênesis de Rolando Toro se distancia do Gênesis bíblico, o dilúvio do poeta também se afasta do dilúvio bíblico nas decisões feitas e nos valores de salvação e condenação implícitos nas escolhas de quem entra ou fica de fora da arca. O poema *El diluvio (Extase del renacido)*, p. 40-41) anuncia que ao momento do dilúvio Noé construiu uma arca em forma de mulher (o útero que acolhe e gera uma nova vida, uma nova humanidade). A chuva é torrencial sobre um mundo sem ninguém na direção. É torrencial também sobre o ser humano que não consegue viver sem amor. Com o agravamento do dilúvio e a conseqüente morte de inúmeros habitantes do planeta, o poeta enumera aqueles que conseguiram ser salvos das águas mortíferas. Em sua relação, dentre

outros, estão aqueles que comeram a maçã no Paraíso, os Beatles, aqueles que olharam para trás e se tornaram estátuas de lágrimas, os que não foram hipócritas e transgrediram normas discriminatórias e os que necessitavam de acolhimento. Mas o poeta é implacável contra os portadores, defensores e cultivadores de valores antivida:

Pero los usureros

Los fabricantes de Napalm

Los cazadores de rinocerontes

Esos no se salvaron

El velero del mundo se desliza

Leve

Hacia las playas del salvaje
amor.

Não há salvação para os que se organizam para obter lucros exorbitantes em tudo e sobre todos. A indústria da morte através das armas, da depredação das espécies, da indústria da guerra, do ódio contra diferentes culturas, do ódio contra o outro. Na poesia de Rolando a vida não tem fim. É nota repetida a esperança. Apesar do que somos como seres humanos, mesmo nas condições mais adversas, com uma força descomunal a vida segue, como base de sua própria sustentação e de sua recriação. Renascer é a ordem da vida, seguir adiante.

Diante do saldo: a torneira fechada, a luz apagada, a porta fechada, a poesia nos convida a ir ao centro da roda e fazer a nossa dança, porque como diz Rolando Toro no poema **Todos tenemos algo que decir**: todos tenemos algo que decir/ al pasar por el mundo. En canto, en palabras en sonrisas.... A pesar de las dificultades, todos tenemos algo que decir/al pasar por el mundo (*Lo imposible puede suceder*, p. 214).

Para mim essa é a chave que está por dentro. Podemos abrir a porta.